

Agarrar-te lá o Loure
Ao Pobre essencial Servil
Para que nos manifestassem
Contorno-mo-la pelo civil.

Botaram-lhe uma pau a buzina
já perto do Seis senhor
Co' essa bragança a brasa
Como uma santa no audit.
Não ~~deve~~ ^{toamam} ~~ser~~ ^{campesinha} ~~o~~ ~~seu~~ ~~nome~~

Neste pobre funeral
Pois nem ao menos sentiram
Os vizinhos do curral

Levaram-na para a corteche
Com o rabo pelo chão
Acabeça meita esquerda
Foi uma linda proscena
Fizeram o tal cutere
Sem nada se demoras
Voltaram a' procura d' Sancia
que lhe desse de al moçar

Crechudo

Ora bom comadre Sanceram
Pautou a sua e eu casuco,
Para explicar o que passou
Lá no sitio do cabeço.

Morreu ~~em~~ ^{no} ~~lugar~~ ^{do} ~~Senhor~~ ^{de} ~~Avandis~~ ^{Senhor} ~~Avandis~~
Com quanto o dono prez' me espinto,
Bem te contarei a expuzca
Co' essa desgraça tucaucha.

Pobre Li' e Manuel D. Costa
E se tivesses tais causasias,
Anastorem no prezo ao auto
Para a eretion dos lingueiras.

Ali ficam os abnegados
Sem lhe darem sepultio.

depois d' se por o sol
ficava na noite-nova

A casa e' um faltar dali
Nas se sabe que cumilha levou
Deve ter sido o povo de Geniceis
E nem tanta carne gustou.

A burra não andava deuti
Nem dava sinais de tal
Por isso e' de admira

Como morreu o pobre animal
Sabe o gen pro ai se conta
E vouo estava na prisão

Co' burros com pau pela
Bem certo morreu de prisão

Burros com tanta infestura
Nas devem por ai galtae,
Co' desgracia desta infestura
Ho' meitas por um lugar.

Quaruma

Pois vou-lhe contar outra historia
Que não e' de barricada,
Esta e' de barracheia
Mas e' bastante expuzca.

O Senhor Antão Babineis
O mais o Senhor Avandis
Tambem o Senhor Hieronymo
Ho' se viu expuzca-se-lhe o juizo.

Formou a duas Iyras
Levar lrecha a entacta,
Com quanto confidiam no auto
Não o perdiam, não, não!

Mas depois que descaesjavam,
O casuco não era biquis
Com a prova expuzca no juizo
Em casa do Domingo Heubise.

Não perderam só o juízo,
Não findou só o mal;
Perderam vacas e carnos,
Lá pelos lados do Vival.

Aquela dia foi de perdas,
Co caso em perdas findou
Todo três, foram perdendo
Só o Hollense e seu ganchão.

Os carnos sempre rodando
E as vacas sempre a andar,
Os donos sempre a carne
E sempre dias para encontrar.

Moas não findou aqui o caso
Toda a festa não acabou;
Palhararam com Ana de Tomilho
Porque o marido não se emborrachou.

Conteúdo

O' minhão não casou-se
Nunca se acabaram as "thóreas",
Vai agora ouvir o caso
Do gato dos Moaragouas.

O Montinho casou com gato
Lá para o sitio do Sobrinho;
Dizem que andava nos matos,
Moas em dos gatos caseiros.

Trouxeo então para casa,
Juntamente com Rafael
E depressa o dois moaragoujos
Tantaram tirar-lhe a pel.

Depois do gato esfolado,
E que lhe havia de lembrar:
Isto é um bom petisco
Vouso por-lhe a guisar.

Juntaram-se a volta do pete
Levaram delo tirou para,

8
E como era grande o panelo
Chamaram a parentera.

Molhou com carne de gato
Do que tinha de bucalhar;
Depois que encheram o bumbo
Fazião, meião! meião!

A senhora Moacia Cauda
Não goste de carnes mortas
E appareceu-lhe a cabeça do gato
Pressa da aldrava da porta.

Isto era para dizer
E se ella tinha comido o gato
Numa parte está o crânio
E mostra onde se o viro.

Enredo

Ohe lá campador contudo
Que a minha bem me custa
Que aquella gente moaragouja,
Seja tam boa de entender.

O tal Rafael do Gato
Nem eu devia dizer tanto;
Trocou a roupa da segunda
Com o João Pedro do Corfilito Sueto.

Não sei se he o tal João Pedro
Ohe que é uma réis bem firme;
É o filho mais grande
Que tem a tia Josefina.

Estavam na casa dos bores
Era no tempo da segunda
O Rafael com uma moata nova
O outro com uma roupa esfuma.

Falaram então na troca
Aquella bruto cabeça molha;
Trocaram a moata nova
Pelo tal do tor furangulho.

O Rafael largou a mamata
Toda a gente ali se ria,
Porque o João Pedro ficou em casa
Como sua mãe o pariu.

Embustros e catan mamata,
Para com foi assegado,
Parecia em criança,
Nem na grande embustada.

Foi o Rafael para casa
Com a tal linda fatiada,
Mas a mãe ficou-lhe arreliada
E voltou a desfazer a toca.

É bem bruto o Rafael,
É bem bruto sim senhor!
Mas o que que o tal João Pedro
Ainda é um fructo moído!

Embustro

O mimba com a sua guarnição,
Não maltrata tanto a gente;
Quem sabe se o tal João Pedro,
Não será ainda meu parente.

Essa conversação não é boa,
E se siga com outra mais linda,
Para contar o pobre fim
Do burro da tia Gracinda.

A burra copo no burro Carrico
Tinham mais de 50 anos
E foi assim dessa idade
Que os levaram os cigarras.

Já nem com centos e milhares,
Tudo só bem o sabeis
Mas valeram um burra
Com a volta de vinte mil reis.

A burra andava ao engordo
Lá no meio da Cigarrada

Foi morrer ao Val de Lima
Com uma fatiada de ovos e.

Na costureira do Senho Silvestre
E' que ficou depositada,
E ali todo furioso
Foi ter com a cigarrada.

Fizem-me lá da' a burra
Com as lhe fez por favor;
Semms querem que eu me queira
Ao novo bom repitor.

Contas os pobres cigarras
Dram voltar ao lugar,
Mas aquela carniceira
Ninguém lhe quer comprar.

Carreram por essas tavernas
Por essas casas de pasto,
Mas por ser tempo diverso,
Tem a enxada por que gasta.

Como eles trabalharam o preço,
Já pediam por mais dinheiro,
Quem veio a cair com ela
Foi lá cima o Manuel Certoiro.

Com tal taverneiro novo
Causo ainda não sabe contar,
Deu-lhe um dita acha-lhe morto
Porque só lhe contou a espolar.

Mas neste tempo não se gasta
Ficou-lhe uma grande porcaria,
Lá a terem ido remocidos
Os berrachos que por ali vão.

Ninguém isto lhe pague mal
Porque são modos de viver
Os livros da tia Inês Gancala
Nunca se podem perder

Da pobre burra coga
 Já contei o resultado,
 Não falam-voos de carnis
 Como foi de afortunado.
 Foi uma coisa interessante,
 Descobrimos, a burra e o burro,
 De mistura com a tia Jacinda,
 Botaram esubos a murros.

La foi o pobre curruco
 E eu já muito andava enfermo,
 Como tinha amurada no porro
 Não houve quem o tirasse do torro.
 Por esse caminho das Antas,
 O pobre burro caçou-se,
 E todo cheio de agouias
 Fez a cama e deitou-se.
 E como a doença era grave
 Já sem esperança de curar,
 Veio a morte entre tempo,
 Não se torrou a levantar.

Como ainda havia curruco em porro
 Ninguém queri fazer fumeiro
 E quem veio a curruco o curruco
 Fosse pastor e boieiro
 Por essas cabanas e lameiros,
 Por essas barrancas dos pais,
 Fazem vacilas assaduras,
 Pastores, boieiros e cães.

E agora Camada de guardas me
 Também tenho que descansas
 Porque tanta burricada
 Ninguém a pode aturar.
 Vesha o morro murruco
 E me anuncia mais ainda
 Porque o tempo vai-se acabar

Como os furros de tia Jacinda.
 Os boieiros já se communiava
 Sem funeral nem enterro
 E agora para demandar
 Trazem a murra rija o ferro.

Depois de falar o ascomu

Quarta

Descançou a gente o compadre
 Tomou alento por-se firme,
 Para contar o fim que teve
 A burra da Senhora Belosmora
 A pobre burra morreu,
 E deixou larga memoria,
 Pois bem celta eu não sou
 Contar tão longa historia.
 A burra tinha tantos anos,
 E me nem os porros contar eu
 E he que já tinha 50.

Eu ando o meu avô nascer
 Nunca se via burra tão feia
 Sabia os caminhos das feiras,
 Sabia todas as roucasarias
 E cantava as tavernarias.

Sabia o caminho de Val de Frade,
 Sabia o de Visnoso,
 Sabia os caminhos todos,
 Até sabia o de Avellanoso.

Por essas feiras e povoados
 Enquanto o boieiro corria as porras
 A burra sacudia as orelhas
 Para se arrotando as noças.
 Noutro tempo ando o gado
 Como bem vos meus

patencidas
Ajudam a muitas mantens
La' por essas porrações.
Andava com gente grande
La' com essas cartolas da alta,
Mas agora a burro morreu,
E o dono já pouco lhe falta.
Os tempos de uns e de outros,
Tudo é o que tem de ser,
A burro também deitando
Da vida da outra mulher.
Quando a Senhora Belarossa
Coela começou a ser pimpouca
Já a burro já delgada
Ficou como carne que a dona.
Mas ainda com tanta ira
Tinha sua figura
Por feiras e romarias
Sempre a curalo na burro
Agora em já ia velha
Deu em se moleto com penas,
Pis faltavam as raças
Pelas castritas se pegueiras.
A que delhoriam ruzas,
A oconha sobrisaia,
A samarra toda se pelava
E entre pelo não she macia.
A pobre burro caitada
Bem triste da sua sorte
Andava muito desconsolada
Sempre pensando na morte.
Trabalhou até fôr da vida
Só passou quando morreu
Quem não se fôr de machado
Foi a ultima jornada que deu.
Talvez seria da jornada

Sue morar e the agravação e oval
Quando depois tropeçou,
No boqueiro do tanoal.
O Pobre triste animal
Cachaceu que chegava o momento,
E ali ficou alguns dias
Fazendo o seu testamento.
Testemunhas o Sr. Manoel Martin
Moris o senhor Abilio Piza
Notario o senhor Baltazar
Foi tudo gente da terra.
Só com muito grande praca,
Belarossa a doente paou outro lado,
E em tais termos o testamento
Já não pôde ser lavado.
Trataram então de oente,
A ver se se fortalecia,
Ficou o testamento adiado,
Para ser feito outro dia.
Deram-lhe palha, deram-lhe feno,
Deram-lhe farinha e favela
E assim sabe se the não deram
Aguas de galinhas e botelos.
Nada pôem visto comen.
Não visto ela tamen,
E ao cabo de cinco dias,
A pobre burro acabou.
Ficaram os seus trabalhos
Pis já tinha muito outono,
A burro esta de caçada
Os trabalhos são do dono.
Caitada da Senhora Belarossa
Por essas romarias e feiras,
Só se por acaso adivide o ovo
Na agua que foi do Moris.

A água que foi de mercearias
 Vos lembrades, não sabeis,
 Também já findou seus dias,
 Foi no dia vinte e seis.

Aquela também se falasse
 Com os amigos que cantou,
 Quando era do Capitão Moisés,
 Boa bucha eis a das.

Estive na cidade da Guarda,
 Depois veio para os Passos,
 Lá nos puros da Beira Alta
 Onde tinha bons laços.

Depois que ela não prestava
 O que foi para os cigarras,
 Como se tivesse presença
 Para enganar os aldrabas.

Quando a comprou o Moisés
 Com no tempo dos melões,
 É ainda espantoso no tal tempo
 Não corridas que dáis.

Foi aí pelo dia de reis
 Que o José Manuel a comprou,
 Já só era para fumaria
 Por isso logo a venderam.

Logo em que se enthou na loja
 Deixou-se cair no chão,
 Então é que ela conheceu
 Que havia feito um negócio.

Deitou-lhe então um acórdão
 Lá por baixo da barriga
 Pensando do teatro
 Já a água não se cura.

Podem a tope de cantinas
 Deu-lhe de comer a fartar
 É a água por se ter goada

Que estava para reventar.

Quando lhe trouxeram a corda
 Deixou logo a tal posição,
 E não podendo com tanta gozadia
 Cair redonda no chão.

O dono ficou paralizado
 Não sabia que havia de fazer,
 Moudou a vontade a água
 Antes de acabar de morrer.

Por-lhe José Luiz a vaca
 Voltaram. Lá da corda ao pé,
 Levaram a água a pasta
 Como o diabo para um poço.

A água estrabujava,
 Co as patas a cusmi-lhar,
 Abria muito a boca,
 Parecia querer falar.

Com uma cara bem triste,
 Por não estar a água morta,
 E brow dum golpe o cachape
 As passas a Solista da porta.

Juntou-se ali muita gente
 Todos a assistir a função,
 Cantou-os Manuel Ricardino
 Todos mesma relação.

Levaram sacos e cestos,
 É animada aquela gente,
 Comem logo ao algarve
 E curia beber a carne secante.

Passou aquela proximidade
 Formada da tal maneira
 A depositar o cadáver
 Lá por as terras da Lameira

O pobre do José Manuel
 Andava muito diligente,

Abandonou o cadáver
Deixando de corpo presente.

O homem não estava pensoso
Porque ainda não tinha pensado

O pasto que a água fez
Para ter tão mau resultado
Cacembo favela e feno,
Cacembo milho e farinha
Cacembo couves e repolhos
Cacembo tudo quanto ele tinha

Quando vinha pra agrija
De manhã a manhã
Tanta comida lhe deu
E ele morreu de indigestão

Se dura mais algum tempo
Faria bem bo figur,
E em vindo a primavera
Amaria nova andadura.

Pode a gente calcular-lhe
Uma boa situação
Sem certo não feita do frasco
Voltam pro capitulo.

Depois do colchoio,
E' que o capitulo apparece,
Mas agora não há remedio,
A água acabou, morreu.

A Senhora Antonia Vileira
Por certo não cozinha mal
Como já foi conhecida
Faz o jantar do funeral.

Os pratos eram grandes
E fez-lhe grande fome,
Subiu-lhe as cores ao rosto
Parecia uma pimenteira.

Subiu-lhe o juizo ao miolo.

Sentia zuzir as abelhas,
Mas fazia um alto grito
Da água as duas orelhas.

O Senhor Luiz Martins
Tambem assistiu a' furação
Juntamente Isabel Ferreira
E a vinha do Passinho

A Senhora Ana esposa,
As Senhoras Aguiar e Ricardina,
Tambem o Senhor José Pina
E a sua Francisca Italiana.

Domingos Raposo e Amélia,
Ja buscam um cantado,
Mas não era nada disso,
Ja se buscam o seu bocho.

O Senhor Augusto Raposo
E se apenas levou nada,
Mas ainda viu a furação
Ali das madeiras da estrada.

Fizemem grandefesta
A noite depois do jantar,
Como flautas, omeletta e travessa
Dançam volta no lago.

Tocaram e dançaram
Pafaram bo ceim,
A dança saiu da franga
Depois da barriga cheia.

Tocadores José Manuel
E mais Manuel Pereira,
Tambem era o Senhor João Rosa,
Cantando sob os cantos.

A água sem sepultura
Lá ficou a representar,
E eles com bo fartura
Toda a noite a expurgar.

8
Que figue ali abandonada
Nã se pode casar-lhe,
Por isso não casar-lhe
Temos nã de a repartir.

Excursões

Contas começamos pro bairro
Aos vizinhos do canal,
Nã val a pena pensar-lhe:
Costem eles do animal.

Contado

O José ~~Pena~~ ^{agosto} ~~é~~ vizinho
Leve tambem a que quiser,
Mas que leve bon tabuada
Que chegue primeira para mulher.

E. Ao Manuel Jofino,
Que e' fimo como o pardois,
Da-se-lhe dez kilos de cachaco,
Se for deita que a cora mais.

E. A senhor Antonia, as outras,
Foi o que pediu do animal;
Dã-se-lhe tambem os miolo
Que lhe nã devem fazer mal.

E. O senhor Virgilio e Pathau,
Podem levar das costelas,
E carne de sem farta da
E carne gorda pode comer-las.

E. A senhor Jozefina
Para farta o seu João Pedro,
Carne bastam-lhe seis kilos
Mas que leve uma moça de se.

E. O senhor Benedito e o filho
A Amélia e das ~~outras~~ ^{outras} ~~outras~~
Nã se lhe pode dar bom pezo,
Só leva as patas traseiras.

E. Os vizinhos do Bairro-alto,

Agente nã se pode alargar
Dã-se-lhe ⁸ um quarto inteiro
Repartido como do mais lugar.

E. A dona da Pareira,
Dã-se-lhe a usar espada e outra

Que a repartam lá portado
Que toque a bon pezo.

E. Moço a tia Ricardina
Jã nã entra nem as meias,
Que leve o bucho e o ceco folto
Fazem bon tabu feias.

E. Quem tem o seu Manuel
Que e' bastante ameliado
Temos que lhe dar mais tabu
Se nã, nã ficará contente

E. O casado guasema
Nã nã vamos fazer erro
Mas de-lhe duas ferduras
Para pôr nos saltos das chod

E. E agora o Ze' Moreira
Tambem e' da parentessa,
Dois quilos de lambão e' jul
Jã se curará de ter pena.

E. A senhoras Lucina e Fátima
Feliciana e Teresa Castigos
Doze kilos para as quatro
Que repartam como amiga

E. O senhor Francisco Rodriguez
E sua cunhada Dorothea
Cacolta-lhe lá de bom seito
E pize-lhe arroz e mel

E. O senhor Faustino Braga
Talvez a nã seis - carne
Certas para que se nã estrague
Dela só se curará ⁽¹²⁾ a me

C. Dê-me ao Senhor Abílio Lapa,
Mas tire-lhe o coto bem tirado,
Se não por certo não come,
E me tem acabado a ventado.

C. Leve também-seos também ^{debaixo}
E me tem sido bem comprada,
E la carne se calhar não come
Dão-se lhe dois Reais de bochada.¹³

C. A família do Joãos
E me são trouco carniceiros,
E' melhor dar-lhe as gorduras
Para untar os aparelhos.

C. Ora o Senhor Loure Raposo
Dê-me-lhe dar um quarto inteiro,
A sua Ana assaça-o bem
Chega-lhe para o mês de Fevereiro.

C. A Senhora Angela rezava a sena
E como rezava muitas vezes
Dê-me-lhe as saetas do espirito
Para um rosário de 15 beizes.¹⁴

C. As filhas também precisam,
De-lhe carne com fartura,
Do lombo que sirva para bife,
Aves se mudam de figura.

C. E agora o novo franta
Tão amigo do Sr. Immanuel,
Se não for bem comido
Por certo se curraiba para ele.

C. Daremos-lhe o coto para pinçei,
E quem faça um quizado bom
Dê-me-lhe lá o figado todo
E a Natalia o coração

C. Dê-me a cabeça a mulher
Não a levei talvez os oignons
E la sabe amarrar bem

Como costuma fazer chabianos.

C. Uma empalida inteira a' Joãos;
Pra guisar e para cozer;
Se for por lá o Sr. Immanuel
Também lhe ajude a comer.

C. Esta família prejudica o resto,
A levar sortos destes modos,
Por serem amigos do dono da água
Foi preciso comida-las a todos.

C. Ainda ficou muita carne
E se por acaso não se vender
Entrega-se ao do bairro de cima
E me de uma pimenta queise.

C. Pois que a levei e tanto, comente,
E me a levei sem senhor;
Mas a festa só é de baile...
Se lhe dadas é por favor!

C. Fimou a partilha da água,
Mas se alguém ficou sem talhada
Não fique por isso descontente;
E me vá ao açougue a buscá-la.

C. E se alguém não pagar a carne,
Já pode ir tirando o dinheiro,
No livro não se anota
Vá lá ter com o carnicero.

C. Fimou a nossa chalaga
Não queremos ofender ninguém
Meus senhores, graças e mais graças
Parecem todos muito bem.

C. Venha o novo anunciador
Acabar com esta lista
Meus senhores, com licença
Vai vos dar a despedida.

Fim

Com licença meus senhores,
Portaram de nossa cantiga?
Pois agora pertemos cinto,
E eu lhes vai dizer a bairiga!

Vai vos dizer a bairiga
Cá da nossa chalaca,
Vai ser uma enchente de ris
Todos lhe vão de encontrar graça.

Com vos vou anunciar
Prestai a vossa atenção
As desgraças que tem passado
Cá na nossa província.

Os buns que tem memiso
Por certo são os de novidade
Não podemos falar de todos
Falaremos só de uns quarenta.

A burra fôrca de Manuel Pedrin,
E eu já está na sepultura
É o burro do Senhor Amandio
E eu fazia bem boa figura.

Também cantaremos outro caso
Deus homens emburrachados
De pricos que o vinho come
É por um seu mal governado.

É o gato do marangas
Também se hade representar
Aparharão tal fortuna
E eu ainda está a esmiangar.

A moçeta nova de Rafael,
Bem teço de bom prico,
É a esposa de João Pedro
Lustosa como a deusa cigano.

É por resto da cambêsa
Aguardai que se vieris ainda
É pobre e triste funeral

Do buns da Senhora Genésia
Agora peço licença
E eu preciso de desculpas
E a outra parte da obra
Logo a virei anunciar.

Estyjam todos atentos
Prestem a sua atenção,
Ninguém faça barulheira
E eu vou começar a função.

2.ª Sairia

Cá está de, meus senhores!
É o tanto da chalaca
Depois de tantos louvores
Bem lhe podéis encontrar graça.

Contar me vos posso
Cá da nossa burricada?
Agora vai a segunda parte
E eu ainda é mais sagrada.

Vai contar se o triste fim
O fim daquele grande animal,
A burra da Senhora Belasmião
E eu findou lá pra o toumal.

Os trabalhos me passou
Chegado o ultimo momento,
É as pricas com que fi se
Por morrer sem testamento.

Depois cantara-se a vida
Da Coga que foi a Moçica,
E eu também acabou seordia,
Depois de muitos casuicas.

Na mão do Senhor João Manoel
Bem tratada, bem cuidada,
Tere boa primeira
Pra fundar a sua vida.

No dia 25 de Janeiro

Depois de tanta cegueira

Sopa

funeral

Depois jantares,

Vai-se a infantina caíse

Pela gente do lugar.

Ela não sabia o Sr. Pedro

Que não tinha apague nos

Porque vêem todos em choro

E não deixam carne pros pros.

Meus senhores com licença

Essa me volto a retirar,

A segunda parte da obra

Vai-se já representar.

Despedida.

A nossa comédia acabou,

Ja findou a commedia,

Não fique ninguém descuidado

Por bondade tambem.

Nesta tempo de fastosa

Não fique ninguém sem carne

Até os covos mediam gados

E os catos de barriga cheia.

A gente do bairro de Lisboa,

Como sempre mais cantelas,

Esta parte se é a buxo

Vos não tendes parte ali.

Alguns mais alho que lenço,

Carnei com bolé intencão

Mas sabem que os não pertencem

Foi da nossa deusão.

Não estava néo subilicissimos

E acria the dar um canelê,

Vejá-la se fecho a porta

Não the voltam no fumeiro.

Se há pro ai alguém de fumeiro

Tambem the para viver,

Não saiam, mas tenham pressa;

Há muito carne pro comer.

Com certeza de S. Pedro

Há gente pro ai a sobra,

E eu levei tambem um miçanga

Mas não queiramos que a levantada.

E eu não tive quidamofa

Costrutiva em folhas de caqui

E não se esqueça de pagar

Para os impostos do aduano.

De tanto buxo por teu morto

Cu na nossa provocação

Resta veias as albardas

No dia de enturo em leitão.

Cafecada agota fais

Dão vinheira por ome e barro

Entre losos, sethos e estibos

Devem carregar bem um carro

Para eu ficar dentro

Todos passam lá chegar,

Arenha tá em no meio dia

No sitio do meio lugar.

Meus senhores perdem a falta

E os erros por teus feit

E quando são coiza a fuma

Nunca sei nada de gesto.

Se comests carne de...

E tendes a barriga de ^{meio modo}

Carneamento de fijos de ^{bucho}

Com desbarato o corpo. Todos

Fim